

“ORA & LABORA”
À procura da origem da divisa beneditina

GERALDO J. A. COELHO DIAS, OSB
Universidade do Porto

A expressão “ORA & LABORA”, “Reza e Trabalha”, constitui o binómio emblemático e sintético do viver dos monges beneditinos. Na verdade, ela coloca-nos perante os dois pilares fundamentais (*Oração e Trabalho*) sobre que assenta a vida monástica dos beneditinos. A oração, sobretudo a oração litúrgica, tem uma importância singular na Regra de S. Bento, o qual lhe consagra nada menos de doze dos 73 capítulos da sua Regra, desde o capítulo VIII ao XX. Com razão, S. Bento lhe chama “*Opus Dei*” ou “Serviço de Deus” (RB, 22,14.18; 43,7; 44,4; 50,6). Desta maneira, o monge beneditino é como que um âulico de Deus, um funcionário do sagrado, e a liturgia é a sua tarefa primordial, o trabalho da sua vida consagrada ao serviço do Senhor; como cantor das maravilhas de Deus. Sabemos como esta tarefa atingiu o clímax na organização da vida dos monges da antiga observância de Cluny, a ponto de eles quase não terem tempo para mais nada durante o dia, tal era o peso do “*laus perennis*” do “*Opus Dei*”. Temos acerca disso o testemunho insuspeito de S. Pedro Damiano, escrevendo elogiosamente a S. Hugo, abade de Cluny e seus monges, e referindo a vida quotidiana tão cheia e repleta de ofícios no coro que, mesmo no Verão, os religiosos dificilmente poderiam encontrar meia hora para falar no claustro¹. E não nos dispensamos de apresentar o testemunho, quase contemporâneo, do

¹ PETRUS DAMIANI - *Epistula V* ad monachos monasterii cluniacensis, “*Patrologia Latina*”, Vol. 144 380: “*Nam tanta erat in servandi ordinis continua jugitate prolixitas, tanta praesertim in ecclesiasticis officiis protelabatur instantia, ut in ipso cancri, sive leonis aestu, cum longiores sunt dies, vix per totum diem unius saltem vacaret horae dimidium quo fratribus in claustro licuisset miscere colloquium*”.

monge Udalrico, que escrevia em meados do século XI, quando o esplendor litúrgico da vida cluniacense tinha atingido o seu auge e o mosteiro albergava cerca de trezentos monges. A propósito da “hora de falar” ou tempo de recreio, diz: “O número de irmãos aumentou tanto que, entre o ofertório das duas missas, o dar o beijo da paz, o acusar-se uns aos outros no Capítulo e servir a multidão no refeitório, se passa grande parte do dia... Por isso, a hora de falar é necessariamente mais breve... Muitas vezes, antes que todos se sentem no claustro e antes que qualquer deles tenha tempo para para dizer uma só palavra, a campainha toca para Vésperas... Depois de Vésperas, a ceia, a comida dos serventes; depois desta, o ofício dos mortos; após este ofício, a leitura de Cassiano, e assim até que chamam a Completas (...)”², Com justiça, conclui S. Pedro Damiano que o mosteiro de Cluny no tempo do abade S. Hugo era um verdadeiro e pleno campo do Senhor³. Mas Cluny dera um tal destaque à oração litúrgica, enquanto, função mediática do sagrado, que os monges nem tinham tempo para o estudo nem para o trabalho, que a Regra de S. Bento consagrava de forma particular. De resto, o desafogo económico, alcançado por Cluny com as dádivas dos fundadores e as entradas provindas dos legados pios e sufrágios dos mortos, tudo isso possibilitava um certo esquecimento do trabalho e da luta pela sobrevivência. Afinal, a piedade permitia que os monges se dispensassem das obrigações sociais do trabalho. Isto, em certa medida, explica porque é que o “ordo cluniacensis”, enquanto tal, no período do seu apogeu, não proporcionou grandes monges especialistas no campo das artes e das ciências, da cultura e da teologia. Muito do que se atribui aos monges da Idade Média no campo, por exemplo da agricultura, é, de facto, sobretudo obra dos cistercienses e muito do que se diz acerca do trabalho dos monges copistas nos “scriptoria” não passa de generalizações, que é preciso analisar caso a caso.

Ora é sabido como S. Bento, mais que uma vez, sublinha a necessidade e a importância do trabalho na vida monástica, assinalando, neste ponto, uma grande diferença em relação ao monaquismo eremítico dos Padres do Deserto e até à mentalidade geral do seu tempo.

Com efeito, a Regra Beneditina consagra todo o capítulo 48 ao “trabalho

² *Udalrici Cluniacensis Monachi - Constitutiones*, “PL”, 149, 668: “multitudo fratrum acervavit, a quibus dum ad utramque missam offertur, dum pax datur et accipitur, dum in cvapitulo de uno aut altero hoc et illud reclamatur, dum tsantis in refectorio servitur, non minima pars expenditur diei”.

³ “Et quid aliud Cluniacense monasterium, nisi agrum Domini plenum dixerim”, “PL”, 144, 374: *Epistula IV ad ab. Ugonem*.

dos monges”, e vê-se bem que S. Bento entende por ele o “trabalho das mãos”, ou seja o trabalho físico, corporal, duro nos campos ou nas oficinas e não propriamente o trabalho do estudo ou intelectual. O sema “labor”, como substantivo ou verbo, aparece 16 vezes na RB, umas vezes com significado de acção e esforço espiritual (*oboedientiae labor*, RB, Pro. 5), outras vezes, e é de longe a maior parte, com significado de trabalho real, físico (RB, 39,14; 40,10; 41,5; 46,3.5; 48,4.8.20. 27.59; 50,1.3; 64,45). Embora o santo legislador fale dum trabalho qualquer (*labore quovis*, RB, 46,3), sublinha de modo especial o trabalho manual (*labor manuum*, RB, 48,4.20) e os trabalhos dos campos (*labores agrorum*, RB, 41,5) que, inclusive, poderão fazer que os monges saiam para longe (RB, 50,1.3), para fora da clausura.

Daqui resulta claro como, para S. Bento, o monge beneditino deva ser, ao mesmo tempo, um homem de oração e de trabalho. Mas, de facto, S. Bento nunca usa a fórmula associada, programática e emblemática do “ORA & LABORA”, que a tradição posterior atribui ao monaquismo beneditino. Curiosamente, nem na obra de D. Philibert Schmitz⁴ nem de Linage Conde⁵, autênticas enciclopédias do beneditinismo, encontramos a explicação da origem desta divisa.

Perante tal realidade, onde a simbiose da oração e do trabalho se conjugam quase necessariamente, vamos, por isso, fazer uma pequena investigação para ver se é possível descobrir como e quando se teria associado o binómio “ORA & LABORA”, divisa emblemática tantas vezes apresentada como síntese do viver da Ordem Beneditina.

Partimos da afirmação que, premonitoriamente, o papa e biógrafo S. Gregório Magno põe na boca do próprio S. Bento, quando este entrega ao godo roçador a foice que se desencabara e que a intercessão do santo varão tirara da água: “Ecce labora et noli contristari”⁶. É aqui, no valor do trabalho manual, duro e corporal, que S. Bento se vai tornar inovador, apontando aos monges do Ocidente o imperativo do trabalho manual, que os romanos desprezavam e consideravam obrigação de escravos e os monges do deserto negligenciavam. Com razão, S. Bento explica: “Tunc vero monachi sunt si labore operae manuum

⁴ SHMITZ, D. Philibert - *Histoire de l'Ordre de Saint Benoit*, 7 Volumes, Les Éditions de Maredsous, 1944-1956.

⁵ LINAGE CONDE, Antonio - *S. Bento e os Beneditinos*, 6 Volumes, Braga, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, 1989-96. A edição espanhola, da mesma editora, embora tenha começado a imprimir-se mais tarde, já está completa em 7 volumes.

⁶ S GREGORIUS - *Dialogorum Libri quatuor*, Liber II, Cap. 6.

suarum vivunt” (RB, 48).

Apresentamos, assim, uma mão cheia de textos de Padres da Igreja e de escritores medievais que exprimem uma certa visão da vida religiosa e nos ajudam a compreender como se chegou à associação dos dois imperativos da vida monástica beneditina, mas sem conseguirmos determinar, quem, quando e onde isso se fez:

“Nunc ora”, Petrus Chrisologus - *Collectio Sermonum, Sermo 86*, Lin. 47.

“Ergo et si infirmus es ora et si fortis es ora; infirmus pro te oras, fortis pro inimico tuo oras”, AMBROSIUS - *Explanatio Psalmorum XII*, Ps. 38, par. 1.

“Nunc ora”, Paulinus Petricordiae - *De vita sancti Martini*, Lib. 6, versus 1 74.

“Nunc ora”, Rudolphus de Licberg - *Pastorale novellum*, Lib. 3, Cap. 12, versus 752.

“Nunc lege, nunc labora”, Thomas a Kempis - *Cantica, Vol. 4, Canticum 86*, par. 375, Lin. 4; IDEM - *Epistula ad quemdam cellerarium*, Vol. 1, Cap.3, Lin. 1 9.

“Ora et dum orare non poteris, manibus labora et semper aliquid facito... Fac quod in te est, age quod potes et non deficiet tibi auxilium de sancto”, Pseudo-Augustinus Belgicus - *Sermones ad fratres in eremo commorantes, Sermo 17*, Col. 1263, Lin. 43.

“Ora ut devotus monachus, labora ut fidelis Dei servus et eris in caelo gloriose coronatus”, Thomas de Kempis - *Epitaphium monachorum*, Vol. 4, Cap. 4, pg. 146, Lin. 20.

“Surge, vigila, ora, canta, lege, labora”, IDEM - *Sermones ad novitios regulares*, Vol. 6, pars 1, Sermo 6, pg. 48, Lin. 9.

“Saepe ora cum Antonio/ Labora cum Pachomio”, ID. - *Vita boni monachi*, Vol. 4, Cap. 3, pg. 158, Lin. 15.

“Dum adhuc uacat tempus sationis, dum adhuc echonomus spectat, dum custos areae triturat, paleam non exerit, uentilabrum non arripit, dum adhuc non uentilat, labora, sere, coogrega; nullas dederis ferias, nullum tibi colludium, nullam pausam, nullum tempus indulgeas uacationi, sed insiste omnimodis sationi, ne desit quod afferas triturationi; ipsam etiam incessanter mentis oculis adhibe, ipsam attende; cogita cotidie ne superent paleae, ne superabundent zizania; memento triticum in horreum debere recondi, paleas autem comburi igni inextinguibili”; RATHERIUS Veronensis - *Praeloquia*, Lib.5, Lin. 656.

“Labora ergo circa studia, lucem in conloquiis dilige, lectioni deuotus insiste, ut fructus eloquentiae multiplicium anctorum uentilatione purgetur”,

ENNODIUS - *Epistula* 10.

“Labora igitur, ut quod ab aliis non est factum a te fiat, ut tibi et a fratribus tuis gratiarum actio, et a Deo reddatur remuneratio. Vale, GODEFRIDUS Admontensis - *Epistula ad O. quondam monachum*, Col. 1212, Lin. 5.

“Cum autem populus te amat, cum illo labora; cum uero rugitum uenti cum inquietudine belli uicissitudinis morum hominum efflat, uide ad me, et in rota potentie alarum mearum te adiuuabo”, S. HILDEGARDA Bingensis - *Epistularium*, Ep. 85, RIA, Lin. 75. 85.

Parece-nos poder afirmar que a expressão “ORA & LABORA” não vem da Idade Média⁷ e que o autor espiritual onde ela melhor se associa é o místico Tomás de Kempis, quando diz: *Ora ut devotus monachus, labora ut fidelis Dei servus*. A expressão, como tal, na sua formulação sintética, é mais tardia, e talvez tenha surgido depois da notoriedade que adquiriu a Ordem Beneditina com a sábia intervenção cultural de D. João Mabillon e dos monges Mauristas em França. Por essa razão, atrevemo-nos a pensar que a fórmula sintética e estereotipada deriva da admiração romântica de Montalembert⁸ e da restauração monástica do século XIX empreendida pelo entusiasmo fervoroso de Dom Guéranger e por todo o movimento restaurador que o acompanhou e se lhe seguiu com os irmãos Mauro e Plácido Wolter.

Como quer que seja, da amostragem acima, fácil é concluir que o verbo “laborare” tem três campos semânticos: 1.º = *Trabalho físico*, manual, corporal; 2.º Trabalho intelectual; 3.º *Trabalho espiritual* ou ascético.

Curiosamente, o cisterciense S. Bernardo, que pertenceu à ordem dos cistercienses que tanto prezavam o valor ascético do trabalho manual e o impunham como norma de vida, atacando os cluniacenses e querendo, dessa forma, voltar à letra e ao espírito da Regra de S. Bento, só uma vez usa o imperativo “Labora” e com conotação espiritual, para indicar o esforço em alcançar boas obras para a vida eterna. Todavia, diga-se em abono da verdade, que S. Bernardo, por causa da debilidade das forças físicas, parece ter sido dispensado do trabalho manual⁹ que, ele, todavia, sempre enumera entre os

⁷ PEREZ DE URBEL, D. Justo - *Los monjes españoles de la Edad Média*, 2 Vols., 2a Ed., Madrid Ediciones “Ancla”, S/d.

⁸ MONTALEMBERT, Conde de, Charles Forbes de Tyron - *Moines d’Occident depuis Saint. Benoît jusqu’à Saint. Bernard*, 6.ª Ed., Paris, Librairie Jacques Lecoffre, 1878-1882.

⁹ MABILLON, Joannes - *Tractatus de studiis monasticis, Responsio*, Venezia, Editio altera, 1745, 78, *Responsio*, Caput XIV. É sintomático que neste seu importante livro D. Mabillon nunca cite a frase “Ora & Labora”.

deveres do monge, criticando a inércia dos religiosos do seu tempo: "*Labor, latebrae, voluntaria paupertas, haec sunt monachorum insignia, haec solent vitam nobilitare monasticam*"¹⁰. Em carta a Roberto, seu sobrinho e confrade que tinha fugido de Claraval, exorta-o ao trabalho das mãos: "*Bene scio quia delicatus es et quod, his assaetus modo, duriora non possis. Sed quid, si potes facere ut possis? Quaeris quomodo? Surge, praecingere, tolle otiam, exsere vires, move brachia, complosas explica manus, exercitare in aliquo, et statim senties sola te appetere quae famem tallant, non fances demulceant*"¹¹.

Na verdade, os autores espirituais quando falam do trabalho, de imediato se referem à dimensão espiritual do trabalho guiados pelo texto de S. Paulo ao seu discípulo Timóteo: "Labora sicut bonus miles Christi Jesu" (II Tim. 2,3) ou "Tu vero vigila in omnibus labora. opus fac evangelistae. ministerium tuum imple" (II Tim. 4,5). Vê-se claramente que o trabalho, como tal, ainda não tinha adquirido valor e dimensão ascética, considerado apenas como peso e consequência do pecado, necessidade de sobrevivência. Embora S. Bento não seja o criador da fórmula "Ora & Labora", a sua legislação e a sua mentalidade introduziram uma nova e significativa realidade na vida monástica pela qual, unindo em íntima conjugação o espiritual e o físico, ela se afirma, plenamente, como síntese-ideal da vida do homem. É certo que existe uma dualidade entre espírito e corpo, mas S. Bento sabe que ao monge cabe a tarefa de os unificar e harmonizar, pelo que rejeita o monismo exclusivista desses termos antagônicos. A divisa "Ora & Labora" constitui a trama da vida beneditina; rezar e trabalhar são, afinal, as duas asas com que o monge, da banalidade do quotidiano, como qualquer mortal, se eleva para a união com Deus. Por essa razão, segundo a visão global da legislação de S. Bento, à luz das exigências da vida moderna, os monges beneditinos não poderão, de maneira nenhuma, eximir-se à lei do trabalho, para além de assumirem em pleno o Ofício Divino ou oração litúrgica. A ergoterapia, por vezes, impõe-se mesmo aos monges como uma necessidade de verdadeiro alcance ascético, até para evitar a preguiça, que S. Bento classifica como "mãe de todos os vícios" (RB 48,1). Não se pense nem se diga, portanto, que S. Bento não teve, já naquele tempo, uma antecipada visão moderna da vida religiosa, consentânea com a ideia de trabalho pelo qual, segundo a Bíblia, o homem ganha o pão com o suor do seu rosto (Gn. 3,19).

¹⁰ S. BERNARDUS - Epistula 42: *De moribus et officio episcoporum*, par. 37.

¹¹ S. BERNARDUS - *Epistula 1^a*, par 1.